

Escravidão e futebol, temas de exposições

Os 90 anos da Lei Aurea (abolição da escravidão no Brasil) vão ser comemorados com duas bem cuidadas exposições: na Funarte e no Museu Imperial, de Petrópolis. A aproximação do início da Copa do Mundo já está gerando subprodutos artísticos: José Lima vai

expor gravuras sobre o tema futebol na Gravura Brasileira. A semana tem ainda o humor de Molica, fotografias de Maureen Bisliat sobre Xingu, além de assinalar o retorno de Firmino Saldanha às exposições. Vamos ao roteiro.

HOJE

Até 28 do corrente mês, término da mostra do Aleijadinho, o Museu de Arte Moderna do Rio ficará aberto de terça a domingo até às 22 horas. Quem for hoje ao MAM pode ver, além das esculturas e móveis do grande artista setecentista mineiro, gravuras do norte-americano Rauschenberg, pinturas do francês Raoul Dufy, representações do "erótico feminino da natureza" de Iolanda Freire, "estruturas" de Inge Roesler e "ritmos" de Mauro Kleimann.

AMANHÃ

O gravador José Lima já abordara o tema futebol em suas xilografuras de 1973. Agora volta a fazê-lo, mas na técnica de gravura em metal. Em sua fase atual — que será vista na Gravura Brasileira — José Lima trabalha com arruelas que armam no espaço do papel um movimento semelhante ao dos jogadores no campo de futebol e dá grande realce ao número das suas camisas. Emprega as cores verde, amarelo e azul e, em outra série, as cores de vários times cariocas.

Márcia Rothstein, 26 anos, em sua primeira exposição individual, na Escola de Artes Visuais (Parque Lage) vai mostrar 36 desenhos realizados entre 1975 e 1978, em pastel, aquarela, ecoline e crayon. Sobre seu próprio trabalho escreve: "A energia transforma-se: primeiramente empregada na pressão, agora é contida no contato. A pressão do pó do pastel, e contato da água da aquarela. Mas a mente sempre procurou unir num mesmo ato o processo técnico e a pesquisa sensorial. A lei do fenômeno é a criatividade. A estratégia de atuação é a intuição de uma realidade seguida da certeza de uma ilusão".

TERÇA, 9

Para o crítico Antônio Bento, "Firmino Saldanha sabe manejar a linguagem não figurativa, o que é raro nos pintores brasileiros, tanto jovens como veteranos. Deve-se isso ao tirocínio e à cultura do artista". Seus quadros "possuem uma estrutura perfeitamente articulada".

A gravadora Fayga Ostrower ao comentar um dos seus murais (em Belo Horizonte), destaca a elegância e musicalidade, enquanto o arquiteto Oscar Niemayer vê seus novos trabalhos mais voltados para a cor e o espontaneísmo.

Saldanha começou a pintar em 1946 e, dez anos depois, recebia o prêmio de viagem ao

exterior no Salão Nacional de Arte Moderna. Em 1970 retomou, na Europa, seus contatos com a pintura abstrata informal (Schneider, Riopelle, Mathieu, Wolls, os norte-americanos Tobey, Pollock, Sam Francis e o italiano Vedova), voltando a pintar com intensidade. O resultado são os quadros que vai expor agora na Galeria B-75 Concorde.

Os integrantes do ex-Grupo Diálogo (Germano Blum, Benevento, Urian e Sérgio Ribeiro) estão muito atuantes neste ano de 1978. Há dez anos trabalhavam em conjunto em função de um projeto visando maior comunicabilidade com o público. Agora atuam individualmente, num aprofundamento de sua própria visão do mundo, sobretudo de seu mundo interior. Depois das mostras de Blum e Sérgio Ribeiro, vamos ver agora Benevento no Museu de Arte Moderna do Rio exercitar mais uma vez "o fio da memória da infância em sua recente figuração de balões de São João ou de pipas", que irrompem no espaço de tela como incêndios vermelhos, com a densidade do fogo e de cores quase ofuscantes". Em belo texto de apresentação, o crítico Mário Barata anota a presença, em sua pintura, "do espaço flutuante de Joan Miró" e da "vibração requintada e cromática de Paul Klee", de uma "elaboração de formas, próxima de um surrealismo vago e fluido, não dogmático ou intencional que coincide por vezes com o de Brauner".

QUARTA, 10

"Bem longe da civilização, nas selvas ainda não contaminadas pela impostura e cupidéz do homem branco, lá onde as águas puras correm tranquilas nos remansos, voltam nos rebojos, espumam, se aceleram e batem nas pedras das corredeiras e atingem suavemente os areais das praias lá onde as florestas não foram ainda removidas para dar lugar ao capim; lá naqueles rincões distantes, existem ainda algumas poucas dezenas de tribos no pleno gozo dos seus costumes tradicionais". Este é um trecho do texto que os irmãos Orlando e Cláudio Villas Boas escreveram para o álbum "Xingu, trabalho fotográfico documental realizado por Maureen Bisliat junto às tribos xinguanas, editado pela Praxis, de São Paulo, e que será lançado, com autógrafos, a partir das 17 horas no Museu da Imagem e do Som.

Autodita, seu tema tem sido preferentemente a paisagem, "a que se vê das estradas que percorrem para o norte o Estado do Rio de Janeiro, atingem a região dos lagos litorâneos e entram pelo Espírito Santo", paisagem que ele absorve e transfigura" como observa Roberto Pontual. Trinta óleos de João Henrique estarão expostos na Galeria Trevo, no Shopping Center da Gávea.

QUINTA, 11

"brincas comeu brinco?" é o título que Molica deu à exposição que vai realizar no Museu de Arte Moderna do Rio e na qual apresentará pinturas, desenhos, colagens, fotografias e esculturas. Durante sua exposição haverá ainda happenings do autor na forma de capoeira e performances (teatro e dança). Molica além de desenvolver todas estas atividades é cartunista, arquiteto, professor de desenho analítico na Faculdade de Arquitetura Santa Ursula, e de história dos quadros, na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, controla carros alegóricos para Manguera (1971), e muita coisa mais. "Fiz tudo que Leonardo da Vinci fazia. Minto. Leonardo não jogava capoeira" (Jaguar).

SEXTA, 12

O 90º aniversário da abolição da escravidão no Brasil vai ser comemorado, na área das artes plásticas, com duas grandes exposições. A primeira denominada "Contribuição do negro ao folclore brasileiro", vai ser inaugurada sexta-feira na Galeria Rodrigo M.F. de Andrade, da Funarte, pela Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro. A exposição pretende caracterizar as múltiplas influências das culturas negras africanas na formação do patrimônio cultural e folclórico do Brasil de hoje. Um dos destaques da mostra será a apresentação de 17 orixás de terreiro, representando os rituais lorubanos-Keto, através de manequins de tamanho natural, reproduzindo a postura de cada entidade. Também será mostrada uma completa iconografia dos terreiros de vários Estados brasileiros e uma coleção de peças do Maracatu de Dona Santa, de Recife. Estão previstas várias atividades paralelas: ciclo de conferências, de manhã a quinta-feira, sempre às 18 horas, na sede da Funarte, com entrada franca, e projeção de documentários nos dias 18 e 19 vindouros, às 18 horas, seguida de debates. Um dos filmes é "Yao", de Geraldo Sarno.

A segunda mostra, no sábado, será aberta no Museu Imperial de Petrópolis. Apresentará o mais importante e detalhado acervo já reunido no Brasil sobre os tempos da escravidão negra e todo o processo que levou à assinatura da Lei Aurea. Estarão expostos cerca de 300 peças, entre elas, o original da Lei Aurea, recibos de compra e venda de escravos, cartas de alforria, exemplares dos principais jornais abolicionistas, inclusive "A Cidade do Rio", de José do Patrocínio, objetos de uso pessoal da Princesa Isabel e finalmente originais de Debret e desenhos de Rugendas, documentando a vida brasileira naqueles tempos do Império.

CIRCUITO NACIONAL

Duas inaugurações terça-feira no Museu de Arte Moderna de São Paulo: pinturas de Wilson Georges Nassif ("Delírio da Cor") e desenho, pinturas, relevos e esculturas de Joaquim Tenreiro ("O tempo no espaço de Tenreiro").

Na sala de exposições do Instituto Brasileiro de Administração Municipal — IBAM (Rua Visconde Silva, 157) foi inaugurada a mostra denominada Nova Geometria", que inclui obras de Albers, Bernard Damke, Winfried Gaul, Lothar Quinte e Almir Mavignier.